

M.36

P.1

Cx.B.1

CRPE/Pe

= M E C - I N E P =

CENTRO REGIONAL DE PESQUISAS EDUCACIONAIS DO RECIFE

Boletim Mensal

Ano I - Nº 1

Novembro-1957

HISTÓRICO

O Centro Regional de Pesquisas Educacionais do Recife foi criado pelo Decreto n.º 38.460 de 28 de dezembro de 1955, por força do qual foram instituídos o Centro Brasileiro de Pesquisas Educacionais e os Centros Regionais.

De acordo com o referido estatuto legal, são estes os objetivos dos Centros de Pesquisas:

- I - pesquisa das condições culturais e escolares e das tendências de desenvolvimento de cada região e da sociedade brasileira como um todo, para o efeito de conseguir-se a elaboração gradual de uma política educacional para o país;
- II - elaboração de planos, recomendações e sugestões para revisão e re-construção educacional - em cada região - nos níveis primário, médio e superior e no setor de educação dos adultos;
- III - elaboração de livros de fontes e textos, preparo de material de ensino, estudos especiais sobre administração escolar, currículos, psicologia educacional, filosofia da educação, medidas escolares, formação de mestres e sobre quaisquer outros temas que concorram para o aperfeiçoamento da magistério nacional;
- IV - treinamento e aperfeiçoamento de administradores escolares, orientadores educacionais, especialistas de educação e professores de escolas normais e primárias.

Foi nomeado diretor do Centro Regional de Pesquisas Educacionais do Recife, pela portaria n.º 374 de 1 de outubro de 1957 do diretor do INEP, o sociólogo-antropólogo Gilberto Freyre, que imediatamente, se impossou no exercício do cargo.

INSTALAÇÃO DO CENTRO REGIONAL DE PESQUISAS EDUCACIONAIS
DO RECIFE.

Para instalação do CRPE do Recife, veio do Rio o Técnico do Ministério da Educação, Professor Moreira de Sousa, que aqui chegou no mês de outubro, entrando logo em entendimentos com o Dr. Gilberto Freyre, que havia accedido ao convite do Professor Anísio Teixeira, para orientar e dirigir o novo Centro.

Inicialmente foram tomadas providências quanto à séde, tendo o Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais, por intermédio de seu diretor, Dr. Mauro Mota, cedido uma de suas áreas, para funcionamento do referido Centro.

Uma vez conseguido o local, foram as salas pintadas e enceradas. Quanto ao pessoal, que iria trabalhar no mesmo Centro admitiram-se os seguintes:

Adauto Gonçalves - chefe do serviço administrativo
Maria Lúcia Cavalcanti Moreira - secretário bilingue
Paulo Francisco de Souza - contador
Adalberto Francisco de Souza Filho - auxiliar de datilógrafo
João Severino Leite - contínuo
Saturnino Gonçalves dos Santos - mensageiro
Maurício Simões de Santana - zelador

Finalmente, foi cuidada a aquisição do material necessário para funcionamento da secretaria, bem como para os demais setores, contando o Centro, no dia de sua instalação oficial com:

3 Bureaux mod. K-400
4 " mod. 401
12 cadeiras mod. K-22
2 mesas para máquina mod. K-450
3 estantes mod. K-600
2 cestas mod. CP
2 máquinas de escrever Remington

1 fichário de aço marca "Movaço" mod. F-642.1

1 arquivo de aço marca "Movaço" mod. A-2.104

10 pastas arquivo, 1 livro de escrituração de caixa, 5 caixas de fita para máquina, 1 livro Razão, 1 livro Diário, 1 livro de assinatura de ponto, 5 livros de papel pautado, 2 litros de tinta Parker, 5 caixas de papel carbono, 1 almofada para carimbo, 5 milheiros de papel branco tipo ofício, 1 aparelho de fita Durex, 1 caixa grossa de lápis, 10 caixas de clips n.º 1, 10 n.º 2 e 10 n.º 3, 1 vidro de tinta para carimbo, 3 rolos de fita Durex, 100 blocos para notas.

SOLENIIDADE DE INSTALAÇÃO DO C.R.P.E. DO RECIFE

O Centro Regional de Pesquisas Educacionais do Recife, foi oficialmente instalado no dia 18 do corrente, às 20 horas, no Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais, onde tem sua sede provisória, sendo seu Diretor o sociólogo-antropólogo Gilberto Freyre e, técnico, o Professor Moreira de Sousa.

Contou a solenidade com a presença do Professor Anísio Teixeira, Diretor do INEP, vindo do Rio especialmente para êste fim, além de outras autoridades federais, estaduais e municipais.

Entre os presentes, salientamos a presença do Governador do Estado, General Osvaldo Cordeiro de Farias; do Dr. Jordão Emereciano, representante do Governador da Paraíba; do Dr. Nilo Pereira, representante do Governador do Rio Grande do Norte; do Dr. Aderbal Jurema, Secretário de Educação e Cultura; do Dr. Artur Coutinho, Secretário de Saúde; do Dr. Pelópidas Silveira, Prefeito do Recife; do representante do General Comandante da 7ª Região Militar; do General Espírito Santo Cardoso, Comandante da Zona Militar do Norte; do Dr. João Alfredo da Costa Lima, Vice-reitor da Universidade do Recife; do Dr. Manoel Rodrigues Filho, Reitor

da Universidade Rural de Pernambuco; do Pe. Aluizio Mosca de Carvalho, Reitor da Universidade Católica; do Dr. Mauro Mota, Diretor do Instituto Joaquim Nabuco; do Dr. Antonio Figueira, Diretor da Faculdade de Medicina do Recife; do Dr. Osvaldo Gonçalves de Lima, Diretor da Escola Superior de Química; de d. Maria de Lourdes Almeida Moraes, Diretora da Escola de Serviço Social; de representantes de demais Escolas superiores; de professores; de representantes do Clero; de jornalistas e outras pessoas interessadas.

A sessão foi aberta pelo Professor Anísio Teixeira que, depois de ligeiras palavras, passou a presidência ao Governador Cordeiro de Farias, dando êste início a solenidade, outorgou a palavra ao Professor Anísio Teixeira e, em seguida ao Professor Moreira de Sousa e, finalmente ao Diretor do Centro, Dr. Gilberto Freyre.

Encerrando a sessão, falou o General Cordeiro de Farias.

Foram recebidos, pelo Diretor do Centro, telegramas dos Governadores do Piauí, General Gayoso e Almondra, e de Alagoas, Dr. Sizenando Nabuco, que expressavam decidido apoio às iniciativas do Centro, excusando-se pela impossibilidade de comparecimento ao ato da inauguração.

Palavras do Prof. Anísio S. Teixeira
na sessão inaugural do Centro Regional
de Pesquisas Educacionais do Recife.

Ao agradecer, Senhor Governador Cordeiro de Farias, a honra nos presta V. Excia. de presedir esta sessão de inauguração do Centro Regional de Pesquisas Educacionais do Recife, quero afirmar-lhe, antes de tudo, que até aqui vim para congratular-me com o Senhor Governador, com Pernambuco e com todo o Nordeste, por haver Gilberto Freyre aceitado o cargo de sua direção.

Gilberto Freyre é, hoje, no Brasil, o maior representante da independência da inteligência, fugindo sistematicamente de qualquer condicionamento, já não digo escravização, que lhe possa trazer o exercício de cargo ou função pública, por maiores e mais insistentes que sejam os convites, que lhe vêm de todas as partes, do país e do estrangeiro.

Aceitando dirigir o Centro Regional de Pesquisas Educacionais do Recife, com jurisdição sobre todo o Nordeste, prestou êle - e por isto se sente extremamente honrado o Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos, do Ministério da Educação e Cultura - a homenagem de reconhecer no Centro, que ora se inaugura, as qualidades de independência e de liberdade que marcam a sua obra e o seu espírito.

Realmente, Senhor Governador, não é um organismo federal que ora aqui se instala, mas um centro de estudos e pesquisas, enraizado na região a que deseja servir e orientando tão somente pelas regras e disciplinas do saber e da busca do saber. Ao participar do Centro, como seu Diretor, Gilberto Freyre não se despe de nenhuma das prerrogativas da sua independência de pensador, de escritor e de nosso mestre em sociologia.

O Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos, êste sim, órgão federal, para dar melhor cumprimento às funções de estudo, resolveu, com efeito delegar tais atribuições a centros administrativamente semi-autônomos e cientificamente autônomos, a fim de que a tarefa de pesquisa e formular a política e planejamento educacional do país pudesse ser feita sem outras restrições que as da consciência científica dos profissionais das

ciências sociais e da educação no país.

Tanto o Centro Brasileiro de Pesquisas Educacionais quanto os Centros Regionais de Porto Alegre, São Paulo, Belo Horizonte, Bahia e agora o do Recife constituem órgãos autônomos inter-regionais, concebidos e organizados no espírito de completa liberdade de cátedra, para usar expressão consagrada.

Cuso pedir permissão para me repetir, ao buscar caracterizar estes Centros no momento em que estamos a inaugurar as atividades do Centro Regional do Recife, citando as palavras com que recentemente procurei expor, no de São Paulo, os objetivos e métodos de trabalho dos referidos Centros:

"Os nossos Centros de Pesquisas Educacionais se organizam, num momento de revisão e tomada de consciência dos progressos do tratamento científico da função educativa e, por isto mesmo, têm certa originalidade. Pela primeira vez, busca-se aproximar uns dos outros os trabalhadores das ciências especiais, fontes de uma possível "ciência" da educação, e os trabalhadores de educação, ou sejam os dessa possível "ciência" aplicada da educação. Esta aproximação visa, antes de tudo, levar o cientista especial, o psicólogo, o antropólogo, o sociólogo, a buscar no campo da "prática escolar" os seus problemas. Note-se que os problemas das ciências humanas originaram-se e ainda hoje se originam na medicina.

"É preciso que as ciências sociais, além de outros problemas que lhes sejam expressamente próprios, busquem nas atuais situações de prática educativa vários e não poucos problemas que também lhes são próprios.

"Como na medicina ou na engenharia, não há, strictusensu, uma ciência de curar nem de construir, mas, artes de curar e de construir, fundadas em conhecimentos de várias ciências; assim os problemas da arte de educar, quando constituírem problemas de psicologia, de sociologia e de antropologia, serão estudados por essas ciências especiais e as soluções encontradas irão ajudar o educador a melhorar a sua arte e, deste modo, provar o acerto final daquelas soluções ou conhecimentos, ou, em caso con

trário, obrigar o especialista a novos estudos ou a nova colocação do problema. A originalidade dos Centros está em sublinhar especialmente essa nova relação entre o cientista social e o educador. Até ontem o educador julgava dispor de uma ciência autônoma, por meio da qual iria criar simultaneamente um conhecimento educacional e uma arte educacional. E o cientista social estudava outros problemas e nada tinha diretamente a ver com a educação. Quando resolvia cooperar com o educador, despiam-se da sua qualidade de cientista e se fazia também educador. Os Centros vêm tentar associá-los em uma obra conjunta, porém com uma perfeita distinção de campos de ação. O sociólogo, o antropólogo e o psicólogo social não são sociólogos-educacionais, ou antropólogos-educacionais, ou psicólogos-educacionais, mas sociólogos, antropólogos e psicólogos estudando problemas de sua especialidade, embora originários das "práticas educacionais".

"Os educadores - sejam professores, especialistas de currículo, de métodos ou de disciplina, ou sejam administradores - não são, repitamos, cientistas, mas, artistas, profissionais, práticos (no sentido do practitioner inglês), exercendo, em métodos e técnicas tão científicas quanto possível, a sua grande arte, o seu grande ministério. Serão cientistas como são cientistas os clínicos; mas sabemos que só em linguagem latina podemos efetivamente chamar o clínico de cientista.

"Acreditamos que esse encontro entre cientistas sociais e educadores "científicos" - usemos o termo - será da maior fertilidade e, sobretudo, que evitará os equívocos ainda tão recentes da aplicação precipitada de certos resultados de pesquisas científicas nas escolas, sem levar em conta o caráter próprio da obra educativa. Com os dados que lhe fornecerá a escola, o cientista irá colocar o problema muito mais acertadamente e submeter os resultados à prova da prática escolar, aceitando com maior compreensão este teste final.

"Tenho confiança de que bem esclarecida e estudada essa posição, de que a tentar aqui os fundamentos teóricos, ser-nos-á possível ver surgir o sociólogo estudioso da escola, o antropólogo estudioso da escola,

o psicólogo estudioso do escolar, não já como esses híbridos que são, tantas vezes, os psicólogos, sociólogos e antropologistas educacionais, nem bem cientistas nem também educadores, mas como cientistas especializados, fazendo, verdadeiramente, ciência, isto é, sociologia, antropologia e psicologia, e ajudando os educadores, ou sejam os clínicos da educação, assim como os cientistas da biologia ajudam os clínicos da medicina.

"Parece-me não ser uma simples nuance a distinção. Por outro lado, isto é o que se faz, sempre que se distingue o conhecimento teórico, objeto da ciência, da regra prática, produto da tecnologia e da arte. A confusão entre os dois campos é que é prejudicial. É preciso que o cientista trabalhe com o despreendimento e o "desinterêsse" do cientista, que não se julgue ele um educador espicado em resolver problemas práticos, mas o investigador que vai pesquisar pelo interêsse da pesquisa. O seu problema originou-se de uma situação de prática educacional, mas é um problema de ciência, no sentido de estar desligado de qualquer interêsse imediato e visar estabelecer uma teoria, isto é, o problema é um problema abstrato, pois, a abstração é essencial para o estudo científico que vise a formulação de princípios e leis de um sistema coerente e integrado de relações. Os chamados estudos "desinteressados" ou "puros" não são mais do que isto. São estudos das coisas em si mesmas, isto é, nas suas mais amplas relações possíveis. As teorias científicas do calor, da luz, da cor ou da eletricidade são resultados do estudo desses fenômenos em si mesmos, desligados de qualquer interêsse ou uso imediato. No fim de contas, a teoria é, como se diz, a mais prática das coisas, porque, tendo sido o resultado do estudo das coisas no aspecto mais geral possível, acaba por se tornar de utilidade universal.

"Assim terão de ser e nem poderão deixar de ser os estudos dos cientistas sociais destinados a contribuir para o progresso das práticas educativas, pois, do contrário, estariam os cientistas aplicando conhecimentos e não buscando descobri-los. Armados que sejam os problemas, originários da prática educacional mas não de prática educacional, deve o pesquisador despreocupar-se de qualquer interêsse imediato e alargar os seus

estudos até os mais amplos limites, visando descobrir os "fatos" e as suas relações, dentro dos mais amplos contextos, para a eventual formulação dos "princípios" e "leis" que os regem.

"Tais "fatos", "princípios" e "leis" não irão, porém, fornecer ao educador, repitamos, nenhuma regra de ação ou de prática, mas, idéias, conceitos, instrumentos intelectuais para lidar com a experiência educacional em sua complexidade e variedade e permitir-lhe elaborar, por sua vez, as técnicas flexíveis e elásticas de operação e os modos de proceder inteligentes e plásticos, indispensáveis à condução da difícil e suprema arte humana - a de ensinar e educar.

"Cientistas e educadores trabalharão juntos, mas, uns e outros, respeitando o campo de ação de cada um dos respectivos grupos profissionais e mutuamente se auxiliando na obra comum de descobrir o conhecimento e descobrir possibilidades de sua aplicação. O método geral de ação de uns e outros será o mesmo, isto é, o "método científico" e, nesse sentido, é que todos se podem considerar homens de ciência. O educador, com efeito, estudando e resolvendo os problemas da prática educacional obedecerá às regras do método científico, do mesmo modo que o médico resolve com disciplina científica, os problemas práticos da medicina: observando com inteligência e precisão registrando essas observações, descrevendo os procedimentos seguidos e os resultados obtidos, para que possam ser apreciados por outrem e repetidos, confirmados ou negados, de modo que a sua própria prática da medicina se faça também pesquisa e os resultados se acumulem e multipliquem.

"Os registros escolares de professores e administradores, as fichas de alunos, as histórias de casos educativos, ou descrições de situações e de pessoas constituirão o estoque, sempre em crescimento, de dados, devidamente observados e anotados, que irão permitir o desenvolvimento das práticas educacionais e, conforme já dissemos, suscitar os problemas para os cientistas, que aí escolherão aqueles suscetíveis de tratamento científico para a elaboração das futuras teorias destinadas a dar à educação o status de prática e arte científica, que já hoje têm a medicina e

a engenharia. "No curso destas considerações, insistimos pela necessidade de demonstração de nossa posição, na analogia entre a medicina e a educação. Não sirva isto, contudo, para que se pense que a prática educativa possa alcançar a segurança científica da prática médica. Não creio que jamais se chegue a tanto. A situação educativa é muito mais complexa do que a médica. O número de variáveis da primeira ainda é mais vasto do que a da segunda. Embora já haja médicos com o sentimento de que o doente é um todo único e, mais, que esse todo compreende não só o doente mas o doente e o seu "meio", ou o seu "mundo", o que os aproxima dos educadores, a situação educativa ainda é mais permanentemente ampla, envolvendo o indivíduo em sua totalidade, com todas as variáveis dele próprio e de sua história e de sua cultura e da história dessa cultura, e mais as da situação concreta, com os seus contemporâneos e os seus pares, seu professor e sua família. A prática educativa exige que o educador leve em conta um tão vasto e diverso grupo de variáveis, que, provavelmente, nenhum procedimento científico poderá jamais ser rigorosamente nela aplicado."

Por isto mesmo, torna-se indispensável uma palavra sobre a amplitude do sentimento que damos à palavra pesquisa, Bertrand Russell, em um dos seus livros, procura distinguir entre ciência, como produto e resultado, e espírito científico (scientific temper) como método e atitude científica. Os centros devem ser mais inspirados pelo método e atitude científica do que pela ciência. Explico-me. Tratando-se de educação, é mais importante que nos conduzamos na solução prática dos seus problemas em obediência ao método científico do que aos "conhecimentos" propriamente científicos. Primeiro, porque estes ainda são muito poucos e nem sempre suficientemente desenvolvidos para sua aplicação generalizada. Segundo, porque o realmente importante é o uso do método objetivo da ciência para nos libertarmos da rotina, do acidente ou da atuação em virtude de pressões interessadas.

Os Centros visam trazer para as "práticas educativas" do país, o benefício do método científico que já revolucionou as práticas mecânicas

e comerciais e que virão também revolucionar as nossas práticas sociais, dentre as quais, a mais importante é a da educação.

Confiada a direção deste Centro a Gilberto Freyre, cuja alta e penetrante compreensão do Brasil e no Brasil da região a que ligou a sua obra de pensamento e de ciência constitui o orgulho de todos nós, como não acreditamos, Senhor Governador, que ele não se possa transformar no instrumento preciso e sensível, que todos desejamos, para captar a consciência educacional do Nordeste e à luz das suas necessidades, objetivamente analisadas, traçar as soluções e os planos de atuação indispensáveis para conduzir o seu desenvolvimento no período amorfo e fluído em que vivemos?

Com estes votos e estas esperanças é que saúdo o nosso jovem Centro, os colaboradores que nele já vêm trabalhando, entre os quais cumpre salientar o Prof. Moreira de Sousa, educador em quem longas temporadas no Rio não retiraram em nada o sentimento local, o sentimento regional e, mais que a nenhum outro, Gilberto Freyre, a quem redemos a expressão do nosso comovido agradecimento por ter tomado o seu cargo fundar, inspirar e dirigir esta nova instituição, modesta ainda nos meios, ~~mas ambiciosa~~ nos objetivos e na visada larga do seu futuro destino.

Rogo ao Senhor Governador, General Osvaldo Cordeiro de Farias, cuja presença e participação nesta cerimônia tanto nos conforta, que declare instalado o Centro Regional de Pesquisas Educacionais do Recife.

Palavras finais do

DISCURSO DO TÉCNICO DE EDUCAÇÃO J. MOREIRA DE SOUSA, POR OCASIÃO DA INSTALAÇÃO DO CENTRO REGIONAL DE PESQUISAS EDUCACIONAIS DO RECIFE:

Lutando, desde os albores de minha mocidade, por uma educação melhor e por um ensino formal mais extenso, mais profundo e mais sério, através da escola, virtudes de que, certamente, não se revestiu a minha própria instrução primária, nem o meu curso médio, e, muito menos, o superior, sempre confiei em que, com o tempo e com melhores disposições de ânimo, por parte de governos mais esclarecidos e de instituições culturais mais progressistas, se processasse o mecanismo de ensinar e de educar, com proveito e vantagem para a coletividade.

Talvez se possa dizer e até provar que houve algumas escolas antigas, entre nós, de mais apurado sentido educativo e de mais vigoroso elan ilustrativo que algumas muitas das atuais.

Força é confessar, porém, que nem os relatórios, nem as crônicas do tempo autorizam-nos a afirmar, sem mais exames, as virtudes e as excelência dessas escolas de onde saíram, certamente, muitas das eminências do Império e muitas, sem conta, desta República.

Em última análise, (quem sabe?), talvez se pudessem ligar a fatores estranhos à escola que nos servia, a saúde, a eficiência e o lustro de que ela se revestia, em tempos de antanho.

Seja como fôr, não há, por que perder a fé na educação, nem a esperança de vê-la transformada em força propulsora de progresso econômico e moral neste país do futuro, segundo as palavras de quem, analisando as nossas reais possibilidades, prognosticou o dealbar de dias luminosos e felizes, para esta democracia, que, apesar de tôdas as deficiências, é criação nossa e que, não obstante os claros e escuros de seu quadro incerto e duvidoso, já forma clima saudável, em que se pode viver, com dignidade.

Pode-se apontar a percentagem desoladora de 50% de analfabetos, mas isso, para quem não perdeu a fé na educação, representa estímulo a trabalho mais ardoroso e convite a esforço redobrado, tanto dos governos, como dos indivíduos.

"Se a condição do homem deve ser progressivamente melhorada, disse Jefferson, a educação deve ser o instrumento principal para conseguirlo".

Não há que desanimar, mas planejar, distribuindo equitativamente e executando com coragem.

Em estudo recente, levado a efeito no Centro Brasileiro de Pesquisas Educacionais, chegou-se à conclusão de que o ensino primário brasileiro já atingiu extensão quantitativa apreciável, impondo-se, no momento, por cômpro à desorden existente nas matrículas escolares, na composição de suas classes e na distribuição de seus horários.

Essa conclusão só foi possível em face de estudo e análise real da situação educacional brasileira, por um órgão como o Centro Brasileiro de Pesquisas Educacionais, de que é o Centro Regional do Recife, que estamos inaugurando, com esta solenidade, um prolongamento.

Sabe-se que, por fôrça de disposição legal vigorante em tôdas as unidades da Federação, a criança deverá cumprir a sua obrigação escolar, entre os 7 e os 14 anos de idade. Embora a escola seja de 4 séries na zona urbana e 3 séries na zona rural, fica a criança livre de se matricular em qualquer tempo do seu período de idade escolar e de nela permanecer por período superior aos 4 e 3 anos.

Em virtude dessa desorden na idade de ingresso escolar e da permanência do aluno por maior número de anos que o oferecido pelo sistema escolar, a impressão de falta de matrícula, conclui-se no C.B.P.E., parece maior do que a real.

Argumenta-se: O ensino primário brasileiro, entre 1948 e 1956, teve a sua matrícula geral aumentada de 3.301.084 para 4.941.986, isto é, de cêrca de 50%.

Sendo essa escola de 4 séries ou anos de estudo, na área urbana, e 3 séries ou anos de estudo, na área rural, a sua matrícula atual estaria a atender até em excesso aos grupos etários de 7 - 11, na área urbana, e em cêrca de 70% aos grupos etários de 7 - 9, na área rural.

A nossa população escolar, rigorosamente calculada, é de 5.501.700. As matrículas, segundo as estatísticas oficiais, montam a 4.941.986.

Se tomarmos a matrícula das escolas, na área urbana, em 1956, veremos que a mesma ultrapassa os limites dos grupos etários de 7 - 11. Com efeito, a população de 7 - 11 é de 2.294.500 e a matrícula geral é de 2.831.758. Na zona rural, a população escolar nos grupos etários 7 - 9 é de 3.207.200 e a matrícula nas escolas de 2.110.228, isto é, quase 70% dos alunos que deveriam estar na escola.

A desordem de composição das classes escolares é, em parte, causa da falta de escolas para todos, é a inesperada conclusão do Centro Brasileiro de Pesquisas Educacionais. A outros resultados, igualmente ~~conturbantes~~, têm chegado as nossas pesquisas.

Em educação, temos vivido, ~~no Brasil~~, a falar de oitiva, tangidos pela emoção ocasional da surpresa, empregando números redondos, o que só por si denuncia a ligeireza e fragilidade das afirmações, como se fôsse razoável, em assunto de tamanha magnitude, firmar direção política nas conjecturas ou nas probabilidades.

Isso para falar em termos de quantidade.

Pelo que respeita aos rumos filosóficos da educação, - para onde vamos, a que tendemos, para que educamos? - Nunca se indagou, nem se quis saber, até agora, que fazem os professores com os brasileiros que lhe são confiados para o futuro da Pátria.

O Centro Brasileiro de Pesquisas Educacionais, criação inteligente e corajosa de Anísio Teixeira, com os centros Regionais, em perene estudo, indagação e análise interpretativa do fenômeno educacional brasileiro, pretende responder a essas perguntas angustiantes nascidas da consciência nacional, dando orientação segura e sólida, calcada em dados objetivos, à solução desse problema, que constitui a chave de nossa vida, como povo organizado em Nação.

Se tivéssemos ficado na capital da República com tão altos propósitos, poder-se-ia arguir, com fundamento plausível: até onde irá a sinceridade dos promotores do cometimento, a um tempo arrojado e oportuno, com semelhante empresa?

De pronto, com a letra da lei, mas, sobretudo com a realidade dos fatos, acode-se à tempestativa interrogação, esclarecendo que as pesquisas programadas não de referir-se sempre às condições culturais e escolares e às tendências de desenvolvimento de cada região, tendo em vista, sem perder o sentido da sociedade brasileira, como um todo, a elaboração gradual de uma política educacional para o país. Recomendações, sugestões e planos serão elaborados, para a revisão e a reconstrução educacional do país, em cada região, nos níveis primário, médio e superior, e no setor de educação de adultos.

Teríamos feito muito, mas a obra seria incompleta e imperfeita, se, no conteúdo do programa, não se tivesse previsto a elaboração de livros-fonte e de textos, preparo de material de ensino, estudos especiais sobre a administração escolar, currículos, psicologia educacional, filosofia de educação, medidas escolares e de qualquer outro material que concorra para o aperfeiçoamento do magistério nacional, culminando com o treinamento e aperfeiçoamento de administradores escolares, orientadores educacionais, especialistas de educação e professores de escolas normais e primárias.

Instala-se, hoje sob claros auspícios, com a simpatia das camadas esclarecidas e com o apoio da administração pública, o Centro Regional de Pesquisas Educacionais do Recife. A sua direção confiada à competência e ao zelo de Gilberto Freyre, é penhor seguro de êxito.

A qualidade de sociólogo, que se impôs no conceito e na admiração dos que o lerem e conhecem, tanto no país, como no estrangeiro, tem o eminente patricio a oferecer-nos o ânimo combativo e realizador, uma das prerrogativas altas de seu peregrino espírito.

Quando não se tivesse credenciado à investitura do cargo por tão destacados atributos, bastava a posição que tem tomado em toda a sua vida, e ultimamente, com mais ênfase, em favor dos estudos e das pesquisas sociais a serviço da educação.

Está dentro da sua linha de pensamento e de ação a análise do processo de desenvolvimento que afeta a sociedade brasileira como um todo e,

com intensidade maior, as diferentes regiões do país, totalmente o Nordeste.

Lê-se, com entusiasmo e cheio de conforto, afirmações, como estas, do eminente patricio: "Não se pode separar o homem das condições sociais e de cultura, nem da sua região. O homem não é abstratamente homem. Sua condição humana toma aspectos concretos, conforme a região onde êle viva, a cultura em que esteja situado e o tempo em que decorra sua existência - a sua época. Esse conjunto de situações é mais poderoso, em sua influência sôbre a formação social de um indivíduo biológico ou na definição dês se indivíduo em pessoa social, que sua conduta étnica, sua raça e sua própria constituição biopsíquica. Raça e temperamento tendem a variar, de diversos modos, da normalidade estabelecida, sob a pressão de diferentes influências sociais e de cultura".

Anísio Teixeira tem dito que sob a inspiração dêsses princípios que se idealizou e estruturou o Centro Brasileiro de Pesquisas Educacionais e os Centros Regionais que lhe são paralelos.

Vindo-se a Pernambuco e, mui especialmente, ao Recife, para a formulação de uma política educacional, baseada nos conhecimentos de fatos sociais que determinam e condicionam o indivíduo, objeto da educação, não podíamos nunca deixar de bater à porta do voluntário exilado de Apipucos, para pedir-lhe orientação e conselho, tão certos estamos da segurança de seu roteiro.

A região inteira do Nordeste está de olhos postos no timoneiro experiente. Grandes e valorosos elementos aqui existem para a equipe dos trabalhadores do vasto campo das pesquisas sociais aplicadas à educação.

Há com a instalação do Centro Regional de Pesquisas Educacionais do Recife um desafio à inteligência renovadora da geração estudiosa que desponta, neste ambiente de brilhantes tradições de ciência e cultura. Abre-se a todos os que querem estudar, analisar e interpretar a realidade brasileira, um campo vasto à sua curiosidade científica e à volúpia de realizações. Que cerrem fileiras ao lado do eminente diretor, indo como autênticos escafandristas, ao fundo do mar imenso de nossas deficiências, para

darem à luz clara dos fatos, o remédio vigoroso da educação técnica, para a marcha, que há de ser longa, do progresso nacional.

A tarefa imposta ao Centro Regional de Pesquisas Educacionais do Recife constitui programa de trabalho contínuo e persistente, de estudos e pesquisas que conduzam ao conhecimento da cultura e da sociedade brasileira e de seu desenvolvimento em conjunto e em cada região, a fim de permitir a compreensão mais ampla e profunda que fôr possível dos fatos educacionais em suas relações com a vida social.

Aí entra toda uma sociologia, com os seus mais complexos e variados capítulos, e a psicologia social, e a antropologia, e a economia, com as disciplinas que lhe são afins.

Vamos pedir aos pesquisadores do Centro, aos seus assistentes e auxiliares que nos digam se já houve, se há, se pode e se deve haver, uma filosofia que dê os rumos certos desta democracia, cujo conceito de tão largo e extenso que é ninguém sabe bem onde chega. Que são os sistemas estaduais de educação, nesta região, sujeita a cataclismas periódicos de ordem climática, social e econômica? Tem o seu povo tido a escola que o ajusta ao meio, para vencê-lo ou a mesma de preparação para a miséria imediata do alfabeto e para êxodo? Trata-se de terra inabitável, que já deveria ter sido oficialmente abandonada por decreto, ou tem ela condições de vida, para o homem educado, segundo as suas condições ecológicas? Já se tentou alguma vez essa adaptação? Já se educou para a integração do povo que nela nasce e se desenvolve, para que possa viver livre do medo da fome e da nudez? Não será possível organizar-se trabalho, racionalmente, para toda essa juventude que faz fôrça para viver, até como engraxate, vendedor ambulante, carregador de embrulhos ou como pedintes de ocupação?

Não se tem notícia de haverem os administradores de ensino e os técnicos de educação, (êstes com muito mais responsabilidades) levado a efeito estudo das condições históricas, econômicas, sociais e culturais do povo, para a elaboração dos currículos elementares e médios, tendo em vista a formulação de recomendações práticas e a orientação técnico-ciên-

tífica da educação. Muito menos o estudo das matérias ou atividades que constituem os currículos escolares do ensino elementar e médio, considerando, precipuamente, os aspectos metodológicos e os meios materiais de ensino.

Levando alto a execução de nosso programa, não podemos nos desinteressar do estudo das formas e dos processos de administração escolar, no Brasil, mas de modo particular, no Nordeste, com particular interêsse pelo esclarecimento do problema de responsabilidade e eficácia administrativa, considerando as tradições e hábitos de centralização da administração brasileira.

Gilberto Freyre, a quem saudamos com efusão, diretor, em boa hora, d'êste Centro, já tem tratado e o fêz, recentemente, em fala magistral, do problema da professora da zona rural, do seu papel social, na comunidade, e de quanto importa, para eficácia do ensino, o seu preparo profissional.

Outra perspectiva que se abre para os estudos e pesquisas d'êste Centro, é saber até que ponto está essa professora desajustada de seu meio e a quem cabe a maior responsabilidade dos desajustamentos que aí se descobrem.

Levante-se a história da criação das primeiras escolas preparadoras de mestres da escola primária (escolas normais), em cada um dos Estados do Nordeste, até a proclamação da República, e aponte-se a orientação pedagógica, acaso existente, em que se inspirava essa criação. Diga-se que modificações foram introduzidas nos sistemas de preparo dos mestres de escola primária, de 1889 a 1930, quais as influências internas e externas, de caráter social, que possam ter existido nas modificações d'êsses sistemas, de 1930 até esta data, e se os mesmos se processaram, visando os objetivos e finalidades a serem alcançadas na escola primária brasileira, como fundamento da prosperidade material, espiritual e moral da coletividade nacional.

O festejado autor de "O Nordeste", glória das letras pátria, assinalava, com razão e com oportunidade, que a professora primária da zona rural tem que lidar com almas.

Acentua o mestre, advertindo, ~~quase admoestando~~: "Lembre-se sempre o agrônomo, ou o zootécnico, ou o professor, ou o padre, ou o médico, ou o advogado, ou o farmacêutico, ou o dentista, que vai exercer ainda jovem suas atividades em meios rurais, que vai lidar com seres humanos diferentes em várias de suas atitudes e dos seus modos de ver, de pensar, de sentir dos urbanistas, desdenhosos, até, de certos estilos urbanos de vida e de cultura. De modo que qualquer desses especialistas jovens, que depois de instruído, durante anos, em instituição urbana, vá para meio rural animado do propósito de aplicar novas técnicas ou novos processos científicos na agricultura, ou à pecuária, ou a veterinária, ou à medicina, ou ao ensino, deve lembrar-se de que, em qualquer dessas atividades, não vai lidar apenas com terra, solos, plantas, animais, doenças, escolares, mas com seres humanos condicionados pela sua situação rural. Dêles deve o adventício aproximar-se, lembrando-se de que são seres humanos regionalmente condicionados, condicionados por tradições, crenças, superstições, mitos, que devem ser considerados com o máximo de atenção psicológica".

Tentando-se um estudo profundo e amplo, entre outros, na esfera educacional, da situação do professor primário, mas, muito especialmente, de seu preparo profissional, para adequado esclarecimento e orientação das grandes massas que lhe serão confiadas, importa investigar até que ponto está se efetivando esse preparo, para que, de fato, a missão educativa do professor primário seja a de adequado ajustamento do educando no meio social e cultural, a que pertence e em que vai viver.

— X Se é certo que a situação educacional e os problemas educacionais de qualquer região do Brasil, ou de qualquer comunidade, dentro do Brasil, têm que ser considerados de um ponto de vista nacional, certo é, também, que o Brasil se caracteriza por seus contrastes regionais, e que o levantamento da educação, em qualquer região do país, precisa tomar em consideração condições regionais específicas e problemas regionais, tanto quanto as relações da região, como um todo.

Creemos, firmemente, que no preparo do professor da escola primária-

ria do Nordeste, amoldado às reais condições sócio-culturais e econômicas da região, está a solução de muitos dos problemas que afetam a educação de nossa infância e juventude: - abandono da escola, antes de seu término, reprovações em massa, sobretudo na 1ª série, desajustamentos vocacionais, etc.

Há que se preparar a nossa professora primária, para atender à reconciliação indispensável da escola com o meio social, da escola com a família, da escola com as instituições públicas e privadas, da escola com o próprio aluno.

Temos que contar com a escola primária - "a escola de que dependem todas as escolas" - para um desejável melhoramento de nível cultural qualitativo do ensino médio e do ensino superior, em seus diferentes aspectos.

Quantos problemas de educação estão excitando a nossa coragem e o nosso desassombro, provocando a nossa experiência para mudar o que aí está para melhor!

Vamos começar. Abrem-se as portas do Centro Regional de Pesquisas Educacionais do Recife, convidando ao trabalho sério os que estão ansiosos de oportunidade para realizações profícuas, com o sentido de um Brasil em mudança. Ou somos capazes de realizar, pela educação, esse preparo, para a mudança que desafia a nossa atividade e aptidão de técnicos, ou entreguemo-nos aos percalços da derrota sem remédio.

Não me conformo, porém, com a idéia da nossa incapacidade. A história atesta que não pertencemos a uma raça de conformados.

Com a instalação deste Centro e com Gilberto Freyre à frente, subimos a uma cumiada da história da nossa cultura, olhando para o futuro.

O canto da vitória cabe a nós entoá-lo. X

Discurso pronunciado pelo sociólogo antropólogo Gilberto Freyre na instalação do Centro Regional de Pesquisas Educacionais do Recife.

X
A insistência do Professor Anísio Teixeira, incessante no seu esforço de renovação do ensino no Brasil, para que fosse um velho recifense, seu amigo de infância, quem organizasse e dirigisse o Centro de Pesquisas Educacionais que hoje se inaugura no Recife em ligação com o Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos, talvez se explique pelo fato de vir o indivíduo designado para tarefa um tanto fora de suas preocupações, animando um já antigo movimento de opinião, segundo o qual as organizações nacionais no Brasil serão tanto mais válidas e autênticas quanto maior for seu caráter de organizações interregionais. Movimento que só agora vai atingindo a plenitude de sua ação renovadora.

Trata-se de um regionalismo, como o chamou de início José Lins do Rego por ele influenciado profundamente na sua visão e no seu modo de ser escritor "orgânico". Regionalismo novo no Brasil e novo, talvez, em qualquer país, quando aqui surgiu e se esboçou há trinta e poucos anos. Pois nada tinha que ver nem com caipirismos nem com separatismos nem com apologias exageradas de valores regionais aparte dos gerais, e sim com a melhor articulação desses valores regionais uns com os outros de modo a se constituírem em sistema que de regional pudesse chegar a transnacional. Por conseguinte um regionalismo que não se opõe mas, ao contrário, concorre para aquela unidade não só nacional como humana que se concilia com a diversidade das culturas.

Somos, no Brasil, um conjunto de regiões que tendem a completar-se com suas diferenças de caráter sociológico e de orden cultural. Cabe ao educador, em colaboração com o cientista social, atender, na educação do brasileiro, a essas diferenças regionais de natureza e de cultura, aproveitando-as no sentido de, através delas, definir-se melhor, quer a cultura nacional no seu todo, quer a própria personalidade de cada brasileiro, em particular. Digo a personalidade de cada brasileiro em particular porque a sua educação, interregionalmente orientada, pode adverti-lo do fato de que, por temperamento, ele se ajustará, no país, a uma região diferente daquela onde nasceu, melhor do que à sua própria ou materna. Isto em casos excepcionais.

Normalmente a educação do brasileiro interregionalmente orientada tende a desenvolver nele a consciência de pertencer a um todo nacional que necessitar de todas as suas regiões: das hoje economicamente pobres tanto quanto das ricas; das hoje mais agrestes tanto quanto das urbanizadas. Semelhante educação concorrerá para dar ao desenvolvimento brasileiro o caráter de um desenvolvimento quanto possível harmonico acima de rivalidades ou de sentimentos de superioridade ou de inferioridade favorecidos por um desorientado estadualismo - estreitamente político-econômico.

Que não se trate de um critério ultrapassado de considerar-se a realidade brasileira vista do ponto de vista cultural, em geral, e educacional, em particular, ficou evidente do chamado Documento Klineberg: espécie de parecer sobre a situação do sistema educacional do Brasil por uma das maiores autoridades do nosso tempo em assuntos de Psicologia Social, o Professor Otto Klineberg, que parece ter concorrido fortemente para a criação, para a consolidação em sistemas, dos atuais Centros de Pesquisas Educacionais ao mesmo tempo que sociais, do Ministério da Educação e Cultura. Desse parecer, que é recente, consta que "a educação brasileira deve adaptar-se diretamente e de fato às necessidades e exigências do povo brasileiro, nos vários níveis sociais, econômicos e educacionais e nas várias regiões geográficas". Mais: o material sobre o Brasil, reunido por pesquisadores científicos do seu passado e do seu presente sociais, deveria ser organizado de modo "a poder ser utilizado pelos professores que poderiam assim obter sem dificuldade informações relativas à zona em que servem". E ainda: desse procedimento resultaria "melhor conhecimento" por parte dos professores "da cultura do Brasil, em geral, assim como de suas regiões específicas". Note-se bem: de suas regiões específicas.

Em parte devido a essa orientação trazida ao Brasil por um moderno cientista social, como é Mestre Klineberg, de renome mundial e atualíssimo no seu saber - orientação que vinha harmonizar-se com os pendores de eminentes brasileiros voltados com critérios sociológicos para o estudo dos complexos problemas brasileiros de educação: um deles o próprio Anísio Teixeira - é que

em 1955, foram instituídos o Centro Brasileiro de Pesquisas Educacionais e os Centros regionais, estes "ligados ao Centro Nacional do Rio de Janeiro, e, se possível, aos próprios departamentos de educação das escolas de filosofia das universidades brasileiras."

Em seus trabalhos, os centros, segundo seu plano de organização, devem proceder "a análise do processo de desenvolvimento que vem afetando a sociedade brasileira como um todo, embora com intensidade variável nas diferentes regiões do país", encarada a educação como um dos fatores que devem ser utilizados, até onde for possível, no processo de aceleração, correção ou equilíbrio do desenvolvimento da sociedade brasileira". Daí em cada Centro a divisão de Estudos e Pesquisas Educacionais juntar-se outra, de Estudos e Pesquisas Sociais, esta tendo a seu cargo "a realização de estudos e pesquisas que conduzam ao desenvolvimento da cultura e da sociedade brasileira e do seu desenvolvimento em conjunto e em cada região do país, afin de permitir a compreensão mais ampla e profunda que for possível dos fatos educacionais em suas relações com a vida social", aquela, especializando-se "no levantamento do estado atual da educação brasileira em todos os seus níveis e ramos, bem como em todas as regiões do país".

Vê-se, assim, que é um centro, o que hoje se inaugura no Recife, regional no sentido em que o Recife, mais que qualquer outra cidade do Brasil com tradições de responsabilidade intelectual, vem se distinguindo há anos ou destacar como necessário à melhor articulação da vida ou da cultura brasileira; e também como essencial ao desenvolvimento dos estudos ou das ciências sociais como estudos ou ciências que, antes de se tornarem abstratas em suas generalizações, considerem o que já os velhos nominalistas, avós remotos dos regionalistas de hoje, chamavam "os particulares". São ideias que constam do "Manifesto Regionalista" que aqui se publicou em 1926; e no qual, aos regionalismos fechados se opunha já o conceito de um regionalismo dinamicamente aberto, que no Brasil, ou noutro país semelhante vasto, se realizasse sob a forma de articulações interregionais; e em qualquer país se apoiasse de início em articulações intraregionais.

Essas articulações intraregionais, consideradas de importância decisiva num Brasil, como o dos nossos dias, em que o desenvolvimento urbano se vem processando, dentro de algumas regiões, a parte do desenvolvimento, ou antes, do estacionamento rural. Semelhante disparidade impõe-se à atenção dos pesquisadores dos centros regionais do tipo do que hoje se funda no Recife, em que as pesquisas educacionais se baseiam em pesquisas sociais nas quais a consideração de todo nacional não importe em indiferença pelas situações regionais.

Se há no Brasil situações regionais como a do Rio Grande do Sul e Santa Catarina, em que o desenvolvimento urbano-industrial vem saudavelmente se processando em harmonia intraregional com o desenvolvimento agrário ou pastoril-rural, noutras regiões esses desenvolvimentos vêm se verificando em desarmonia, às vezes violenta, com tais atividades. Daí o critério regional só me parecer plenamente satisfatório do ponto de vista dos estudos sociais aplicados à educação ou à administração, quando compreendido como critério a um tempo intraregional.

Pensam alguns que o regionalismo brasileiro se deriva de idéias do Professor Lewis Mumford, cujo livro "The Condition of Man" não nos esqueçamos que é de 1944. Engano. O que se verificou foi a influência sobre os regionalistas brasileiros cuja presença na vida brasileira se faz sentir ainda hoje, tendo aqui madrugado em 1924, de sugestões não só de Frederico Mistral, como de William Morris e Patrick Geddes este, sociólogo escocês desdobrado em urbanista, cuja marca na formação de Mumford, e por algum tempo professor na Universidade de Stanford não esconde ter sido decisiva. Geddes lembra Mumford, que presava a região, não como fonte de vida local apenas, mas de vida, em geral. Era o Homem a que seu vez era enriquecido pelo regional. O Homem, a humanidade, o mundo. É esse enriquecimento, que, para alguns de nós, só pode verificar-se quando, dentro das regiões, há uma constante, dinâmica e criadora interpenetração interregional de aparentes antagonismos; e entre as regiões, dentro e fora dos conjuntos nacionais, uma igualmente constante, dinâmica e criadora interpenetração de aparentes antagonismos que se completam interregionalmente. Nessas interpenetrações há quem pense dever aproveitar-se a própria contri =

bulção dos elementos de cultura primitiva sobreviventes entre populações rurais ou entre moradores de sub-regiões rústicas. Já Geddes applicava ao homem moderno e ao seu drama o velho principio chinês de que, nesse drama, devia alternar o ativo com o passivo, o externo com o interno; e por conseguinte, tambem, o primitivo com o civilizado.

Há regiões brasileiras das quais o educador pode extrair, com a colaboração do cientista social, sobrevivências de culturas primitivas capazes de, através da educação da criança e do próprio adulto, enriquecer a cultura brasileira daquela vitalidade ou espontaneidade como que virgem, daquela sabedoria toda ou quasi toda oral, daquela poesia irracionalmente folclórica, que as gentes primitivas e rurais ás vezes guardam como se fossem reservas de abastecimento para suprir de matéria assim agreste não só as Vilas Lobos, os José Lins do Rego, os Guimarães Rosa, os Cícero Dias, os Cândido Portinari, como toda criança, todo menino, todo adolescente, que num país como o Brasil, tiver a felicidade de receber em sua sensibilidade ou em sua imaginação a influencia de bons educadores. Por bons educadores compreenda-se aqui interpretação sociológica - aquelas cuja atividade não se limite a repetir de pedagogos europeus e anglo-americanos europeísmos e fanquismos nem sempre adaptáveis em sua pureza a não-europeus e a não fanques.

Temos a fortuna de ser, os brasileiros, um povo plural em suas culturas e etnias. Dessas culturas e etnias está demonstrado, hoje, por estudos sociológicos e antropológicos, que vem se combinando, se conciliando e se interpenetrando, sem deixarem suas substâncias básicas de sobreviver em tradições e especializações regionalmente diversas, que ainda vão do máximo de civilização europeia ao máximo de primitividade agreste. Desenvolvendo um sistema de educação que se oriente no sentido da unidade nacional sem desprezo pela diversidade de situações regionais do homem brasileiro poderemos tirar partido dessa diversidade, em vez de ser por ela prejudicados. Poderemos tirar partido dessa pluralidade de tradições e de reservas culturais, construindo uma arte e até uma ciência que, mais do que as de qualquer outra civilização moderna, interpretem um homem que vem atingindo civilidade igual a europeia sem repudiar sistemati-

amente a primitividade que o liga aos trópicos ainda agrestes; que lhe dá a capacidade de compreender e de se fazer compreender por indo-americanos, asiáticos e africanos do mesmo modo que por europeus e anglo-americanos. Que outro povo está em melhor situação que o brasileiro para se fazer compreender por esses extremos, dos quais sua formação participa de modo tão raro?

Parcece que nenhum. Daí a responsabilidade especialíssima que parece tocar ao brasileiro de hoje de mediador verdadeiramente plástico entre os contêrrios que se chocam: civilizações europeias com culturas não-europeias.

No desempenho dessa missão teremos que ser orientados pela arte dos políticos; mas também pela ciência dos educadores completada pela dos antropólogos, dos sociólogos, dos psicólogos, dos economistas, dos historiadores.

X Não é ao escritor que me preso principalmente ser, mas ao antropólogo-sociólogo que também sou por formação sistematicamente universitária, que o Professor Anísio Teixeira investe da responsabilidade de organizar no Recife um Centro Regional de Pesquisas ao mesmo tempo educacionais e sociais: centro cuja ação se estenderá ao Nordeste inteiro.

Aceito tal responsabilidade com encargo e para cumprir um dever.

Não se estranhe que indivíduo conhecido pelo seu feitio nada pedagógico e quase nada acadêmico, e pelo seu modo pouco doutoral e pouco professoral de ser homem de estudo - tanto que, a despeito de seus graus universitários, passa em certos meios brasileiros, por "não ser formado" - concorde em assumir a direção de um centro que, sendo de pesquisas sociais, é também de estudos chamados educacionais. No caso, os dois tipos de estudo se completam; e se completam à base de um critério regional ou ecológico de pesquisa ou de estudo mais de campo que de gabinete.

O que eu próprio estranho é ter cedido a solicitações insistentes que embora honrosas, me vêm agora afastar todas as tardes das minhas tarefas e preocupações essenciais de escritor. Sinto que, em qualquer interrupção mais seria, com que concorde, a essa minha condição básica de vida e de trabalho, há qualquer coisa de desleal a uma vocação ou a um destino por mim sempre desejado acima de qualquer outro; e afinal alcançado; e que me vem permitindo ser independente como ninguém o é mais em nosso País, dentro das letras ou das ciências.

Dai os vários cargos, alguns honríssimos, que venho há anos recusando, uns no Rio de Janeiro e no Recife, e oferecidos por mais de um Presidente da República ou por mais de um Ministro de Estado; outros no estrangeiro em Paris, em Washington, na capital do México, em Harvard, em Yale, e, agora mesmo, uma das cátedras de Ciências Sociais na Universidade de Berlim.

Mas há solicitações que, mesmo importando em sacrifício para o indivíduo, têm que ser atendidas por ele pelo que há nelas de responsabilidade social para com sua época e sua gente. Especialmente quando essa gente é a brasileira do Nordeste, há anos sofredora e desvalida, como nenhuma outra do Brasil; martir de um conjunto de circunstâncias que lhe vêm sendo particularmente desfavoráveis. Foi este o ponto em que me senti mais tocado pela insistência de Anísio Teixeira e de Péricles Madureira de Pinho - com o apoio, que muito me desvanece, do sr. Ministro da Educação e Cultura - para que concordasse em orientar e dirigir o Centro de Pesquisas Regionais que hoje se inaugura no Recife; e colaborar assim com eles num esforço realmente alucinante pelo superior sentido brasileiro, cultural e humano, que o anima.

A obra do Mestre Anísio Teixeira obriga uma geração inteira a cooperar com o mais vibrante de seus líderes. Um líder com alguma coisa de serena no modo de atrair entusiasmos.

Já uma vez, sendo ainda moço, interrompi no Recife minha atividade de escritor, já então desejoso de ser só e intensamente escritor, para cooperar com Anísio Teixeira, no Rio de Janeiro, numa de suas iniciativas mais arrojadas: aquela que visava dotar o Brasil de um verdadeiro sistema universitário. Concordei então em fundar, nessa nova universidade organizada por Anísio Teixeira com uma amplitude de visão nunca igualada noutras iniciativas brasileiras do mesmo gênero, as cátedras de Sociologia e Antropologia Social e Cultural e de Pesquisa Social, as duas últimas sugeridas por mim, como antigo discípulo de Franz Boas; e creio que as primeiras cátedras de Antropologia Social e Cultural e de Pesquisa Social que jamais funcionaram em universidades da América do Sul. Só depois dessas cátedras pioneiras terem desvirginado matérias então exóticas para o Brasil é que o antropólogo inglês Radcliffe Brown professou em São Paulo a Antropologia Social à maneira fran

co-britânica, em curso, aliás, memorável.

Atendi em 1935 aquele apêlo de Anísio e não me arrependo hoje de o ter feito: sua universidade não morreu virgem. Outra vez foi a voz da mocidade universitária de minha terra que me obrigou a deixar o retiro de Apipucos para ser Constituinte nacional em 1946 e depois, por quatro anos, Deputado por Pernambuco e Vice-Presidente e por algum tempo Presidente, da Comissão de Educação e Cultura da Câmara Federal. Outra interrupção de que não me arrependo de todo, na minha vida de escritor.

Agora é a voz sempre moça de Anísio Teixeira que me chega aos ouvidos e à consciência. Voz ao mesmo tempo de solicitação e de comando. Obedecendo-o, obedeco ao brasileiro de minha geração cuja palavra tornou-se para todos nós, seus compatriotas, a própria voz do Brasil necessitado de uma educação que o torne capaz de ser, num mundo novo em começo, o mais civilizado dos povos tropicais, sem que "civilização" signifique o esforço de apenas copiar o brasileiro modelos europeus ou anglo-americanos. Para desenvolver novo tipo de civilização ao sol do trópico é preciso que o brasileiro intensifique o esforço de analisar-se, de conhecer-se, de interpretar-se: tarefa sobretudo do cientista social, embora também do pensador e do artista.

Em recente trabalho, em que se reafirma seu exato conhecimento da situação brasileira do ponto de vista do educador esclarecido pela informação sociológica, salienta Mestre Anísio Teixeira a importância, na verdade imensa, do alargamento do saber racional em empírico, através da confirmação do conhecimento empírico pela experiência. E eu próprio, em notas também há pouco reunidas para servirem de introdução a um curso, na Universidade de Recife, todo êle experimental, no sentido de pioneiro, de Sociologia da Arte aplicada a situações luso-tropicais, sugeri a importância do desenvolvimento do desenho, com italianos como Miguel Ângelo e com alemães como Durer, para a valorização das artes manuais até ao ponto de serem essas artes, sob a forma de obras de desenho e de pintura, situadas no plano das chamadas artes liberais. É um método, o de desenhar o observador o que vê, que pode ser considerado simbólico de toda uma atitude ou ânimo ou empenho

da alargamento do saber, de racional em empírico, sabido como é que chegou, com os impressionistas, em Pintura, a concepções novas da própria duração do tempo como luz capaz de esclarecer em figuras e paisagens, característicos ignorados ou apenas pressentidos pelo observador distante. Concepções em certos pontos coincidentes com as concepções, também novas, e também baseadas em experiências vividas ou observadas, de Bergson, em Filosofia, de Proust em Literatura, de Boas e dos ingleses, em Antropologia, de Freud, Jung e Terman, em Psicologia, de Thomas, em Sociologia. Ora, da pesquisa científica em torno do homem social, não há exagero em dizer-se que se assemelha ao desenho no seu modo de ligar o racional ao empírico através de uma sistemática de observação que se serve de símbolos e diagramas, hoje até de inflexões de voz ou de cadências de andar - o andar do empregado, do desempregado e do vagabundo susceptíveis de interpretações simbólicas - registrada por técnicas agilmente modernas, a serviço do observador antropológico ou do pesquisador sociológico.

Aquêl "encontro do conhecimento racional com o mundo das oficinas", a que se refere o Professor Anísio Teixeira, se prolonga, nos modernos estudos sociais e nas modernas pesquisas educacionais, em insistente convívio do homem de estudo com a realidade viva que não sai das oficinas, das fábricas, dos bairros operários, das populações agrárias e pastoris, para tornar-se verdade abstrata nos gabinetes dos sábios racionais. É preciso que o homem de estudo, especializado nessas indagações e nessas pesquisas, vá surpreender tal realidade, buscá-la e observá-la nas suas vivências mais cruas. O antropólogo ou sociólogo de hoje sabe, tanto quanto o pintor impressionista do fim do século passado, que a realidade varia com a luz, com o tempo, com a circunstância, daí resultando a necessidade de ser o homem, a vida ou a paisagem surpreendida não num só lugar, mas em vários; não de um só ponto de vista, mas de diversos; não como se fosse uma realidade parada e definitiva, mas como a realidade viva e sempre em transição que em grande parte é. Há quem não compreenda porque nos modernos estudos sociais se faz tanta pesquisa chamada de campo ou se gasta tanto esforço e até tanto dinheiro - supõem os críticos - com as chamadas pesquisas de campo. A verdade é que são essenciais. Uma só raramente basta para esclarecer um assunto. É preciso que a confirmem outras, realizadas sob pontos de vista diferente; ou em lugares diferentes da primeira.

Com a inauguração hoje, no Recife, do Centro Regional de Pesquisas Educacionais do Ministério da Educação e Cultura, vive esta velha cidade um dia verdadeiramente grande. Pois talvez assinala este 18 de novembro uma espécie de recuperação da responsabilidade, que cabe ao Recife, de metrópole intelectual de uma região inteira. Do ponto de vista intelectual, o Recife pertence tanto aos paraibanos, aos alagoanos, aos rio-grandenses do norte, aos piauienses, aos maranhenses como aos pernambucanos. Não é a capital de um Estado mas de uma região.

É uma cidade a serviço de toda uma região: serviço intelectual, serviço cultural e científico. É também uma cidade aberta aos talentos e às vocações do Brasil inteiro, mas especialmente aos do Nordeste: nunca restrita a um simples e só Estado da região. Ao Recife ou a Pernambuco, por mais turvo que seja o seu presente, nem o seu passado nem o seu futuro lhe permitem uma orientação mesquinamente estadualista no modo de ser capital do Nordeste - da cultura do Nordeste - ou provincia líder dessa cultura. Ao seu espírito superiormente brasileiro sempre têm repugnado mesquinhas de qualquer espécie. O atual e ilustre Governador de Pernambuco é um homem do Rio Grande do Sul a quem o Recife e Pernambuco deram o melhor de sua cidadania, enriquecendo-se com esse novo e esplêndido cidadão. As escolas superiores, os institutos, os hospitais, os teatros, as igrejas, os colégios, os laboratórios, os próprios postos de administração e de governo, do Recife e de Pernambuco, tem sido dirigidos por tantos brasileiros do Nordeste, que não existe para o recifense ou para o pernambucano, diferença senão superficial, entre esses brasileiros e os nascidos dentro dos muros do Recife ou das fronteiras de Pernambuco.

Esse espírito do recifense parece explicar-nos porque o Recife continua a ser de fato - embora fato hoje nem sempre reconhecido ou proclamado - a metrópole intelectual do Nordeste: região pela qual tem sabido esta cidade até sacrificar-se. Parece também explicar a posição da sua Universidade no conjunto das universidades mais altamente responsáveis pelos destinos da cultura brasileira. E explica com certeza a necessidade sentida por tantos intelectuais vindos dos recantos mais distantes da região nordesti

na de nascerem de novo no Recife; e acrescentarem a condição de recifense às suas outras condições mais ou menos telúricas de paraibanos com José Lins do Rêgo, de sergipanos, como Gilberto Amado, de alagoanos, como Pontes de Miranda, de piauienses, como Otávio de Freitas, de maranhenses, como Graça Aranha, de cearenses, como Clovis Bevilacqua, de rio-grandenses do norte, como Augusto Severo, de paraenses como Inglês de Souza. A nenhum deles o Recife subtraiu valor algum, a maneira de imposto que tivessem de pagar pela cidadania recifense na qual também se integraram magnificamente Tobias Barreto e Franklin Távora, Silvio Romero e Augusto dos Anjos. Eles é que quase sempre se sentiram obrigados a proclamar-se recifenses pela formação de sua inteligência e pelo refinamento de sua sensibilidade em ambiente enobrecido com talvez nenhum outro do Brasil, por seu passado, ainda hoje vivo, de responsabilidade intelectual em que ao gosto pela literatura, pela arte, pela própria eloquência se tem associado sempre o da análise científica e objetiva de grandes problemas nacionais e humanos. Donde a constância, no Recife, de uma tradição de pesquisa, de análise, de objetividade que parece explicar a eloquência de Joaquim Nabuco em oposição, não direi a de Rui, mas a de Mont'Alverne, o Positivismo crítico de Martins Junior em contraste com o dos ortodoxos do Rio Grande do Sul; o afã quase germânico pela pesquisa histórica revelando revelado por José Higinio e continuada por Alfredo de Carvalho, Artur Orlando, e sobretudo por Oliveira Lima; a orientação científica de João Vieira em seus estudos jurídicos e a de Andrade Bezerra nos seus trabalhos pioneiros no Brasil, do Direito Social; do senso de organização industrial revelada pelo engenheiro Menezes e, de forma ainda mais arrojada, por Delmiro Gouveia; o método que se científico na administração de obras públicas pelos d.ºs Mamedes; o âmino sociológico associado por Ulysses Pernambucano às suas atividades de psiquiatra e de educador; a tendência, vindo de velhos dias, para o recifense recorrer ao saber mais objetivamente inglês ou francês, alemão ou anglo-americano, em assuntos técnicos ou de ensino; e procurar adatar as lições aprendidas com mestres estrangeiros - Vauthier, Dombre, London, Lombard, Speiler, Branner, Agache - às necessidades de circunstâncias regionais. Tendência por ventura vinda dos próprios dias recifenses de Mauricio de Nassau; e restabelecida por Francisco do Rêgo Barros; reavida por Lucena; retomada por Barbosa Lima;

e continuada por Estácio Coimbra, de quem foi também a corajosa iniciativa da Reforma Carneiro Leão: tão combatida antes de 30; tão copiada ou arremeada depois de 30.

✱ Não falta ao recifense de hoje a consciência dos deveres da sua cidade, como orientadora e, em certo sentido, provedora de uma região inteira. O que se verifica é que entre esses deveres e os recursos de cidade se acentua uma disparidade dramática. Cidade que hoje faz as vezes de mãe para milhares de brasileiros pobres e doentes de cinco ou seis Estados, que para aqui afluem em busca de socorro médico, de ensino secundário e superior, de emprego, de assistência, de amparo, tudo isto lhe sendo dado pelo esforço heróico de uma gente, com a recifense, com alguma coisa de martir em sua vocação materna; cidade-mãe de muitos desvalidos, abandonados à heróica e generosa proteção recifense, por um Governo Federal nem sempre compenetrado da responsabilidade de pai para com as populações sofredoras do Nordeste - se há cidades brasileiras que com seus próprios recursos e os de Pernambuco venha fazendo o quase milagre de desempenhar funções semelhantes às do Governo Federal, é esta. Sua contribuição para a unidade nacional tem sido, por isto mesmo, imensa. Ela pode ter sido o seu tanto separatista em 1824. Mas só por exceção. Sua constante vem sendo outra. Sua constante vem sendo no sentido de unir ao Brasil um Nordeste às vezes cruamente desprezado pelo Rio de Janeiro e até perseguido por interesses industriais, a seu modo imperiais - porque há dentro do Brasil um imperialismo às vezes mais pernicioso nas suas projeções sobre o Nordeste que o chamado "imperialismo colonizador" de origem exótica - concentrados em S. Paulo, embora seus animadores nem sempre sejam paulistas ou sequer sulistas.

"Os problemas nordestinos, são problemas, realidades, posições brasileiras", acaba de destacar o Senador Lourival Fontes que também se refere em páginas incisivamente crítica, a um Brasil "dividido entre metrópoles e colônias, tributários e potestades".

É para que os problemas sociais do Nordeste ligados aos de educação sejam considerados como problemas ao mesmo tempo regionais e nacionais, que este Centro inicia hoje sua atividade, tendo por sua primeira sede, graças à

37

generosidade do Professor Mauro Mota, o edifício em que há anos vem funcionando outro órgão do Ministério da Educação, êste dedicado ao estudo das condições e necessidades do Nordeste agrário do Brasil: o Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais.

São atividades que se completam, as dos dois centros de pesquisas, dentro daquela visão de Anísio Teixeira, das "artes fundadas em várias ciências", com educadores e cientistas sociais tendo por método, real de ação o mesmo método: o científico completado pelo humanístico. Ambos procuram pôr a serviço dos homens de governo, dos legisladores, dos líderes das indústrias e da lavoura, a inteligência, o saber especiali-zado, o esforço, a experiência, a técnica, dos seus homens de estudo, na na época em que está mais do que demonstrado o valor tanto da arte dos educadores quanto da ciência dos antropólogos, dos sociólogos, dos econô-nistas, dos psicólogos, para o governo dos povos e para a administração dos Estados. X